

## «A utilização do cadáver» \*

1. O cadáver (humano) não é uma coisa, um «objecto». Se o fosse, poderia ser adquirido, vendido e utilizado como aprouvesse ao seu proprietário legal.

Por outro lado, o cadáver não é um «sujeito». Se o fosse, teria direitos consignados em lei que à sociedade e, em última instância, ao Estado caberia o dever de satisfazer.

Não valendo como sujeito, o cadáver vale mais, muito mais — um valor qualitativamente muito diferente — que a coisa mais preciosa. Ele vale por causa da pessoa de que é, agora, cadáver: o valor da pessoa impregna de valor o seu cadáver.

Este o valor subjectivo, ontológico, do cadáver humano.

Isto explica o respeito e o culto que, desde tempos imemoriais, tem merecido o cadáver, o afecto que lhe votam familiares e amigos da pessoa falecida, e o repúdio geral e as severas punições merecidas pelos que o profanam.

Mas para lá deste o valor referido à pessoa de que constitui «os restos mortais» — terá o cadáver um valor objectivo, isto é, utilitário?

Sim, muito diversificado e muito importante.

Refiro, de passagem, o valor económico que resulta da «produção» de cadáveres: é só pensar nas agências funerárias, no que lhes está a montante (indústrias de mármore, por exemplo) e a jusante (floricultura e seu comércio, postos de trabalho nos cemitérios). Cemitérios que até podem constituir atracção turística (lembramos o Père-Lachaise em Paris, com seus túmulos de celebridades).

---

\* Exposição apresentada no colóquio sobre «Transplantes — da Ética à Praxis», promovido pelo Gabinete de Investigação Bioética da Universidade Católica Portuguesa (UCP) e realizado no Centro Regional do Porto da UCP, em 17 de Abril de 1996.

Também de passagem, refiro ainda os funerais como oportunidade de encontro da família alargada, de convivência social e até de celebração da pátria (os «funerais nacionais»), sendo certo que, frequentemente, há desencontros nos encontros, maledicência na convivência e hipocrisia na celebração.

Em todos estes casos, o destino do cadáver ele mesmo é a destruição: pelo processo natural e paciente da putrefacção ou pela via tecnológica e expedita da cremação.

Mas o cadáver tem outras alternativas de utilização: **o serviço da vida**. Esse será, sem dúvida, o seu destino sublime!

2. O *serviço da vida* proporcionado pelo cadáver pode ser imediato ou directo e mediato ou indirecto.

O serviço imediato ou directo consiste na utilização de órgãos recolhidos de cadáveres para salvar vidas, indo substituir órgãos vitais grave e irreversivelmente lesados — coração, fígado, pâncreas pulmões e rins (por ordem alfabética) sendo ainda se referir a córnea que permite a recuperação da visão na cegueira por opacidade deste componente do olho. Transplantações que devem obedecer a normas éticas precisas, rigorosas e absolutas, a começar pelo imperativo da dação e da rejeição liminar da venda, da comercialização.

O serviço mediato ou indirecto diz respeito à investigação científica e técnica e à formação médica.

A investigação susceptível de beneficiar altamente da utilização do cadáver situa-se muito especialmente nos domínios da anatomia normal e patológica, da biologia molecular, celular e tecidual e da cirurgia, com o fim último de avanços no conhecimento das causas, mecanismos, manifestações, diagnóstico e tratamento das doenças.

Quanto à formação médica, a utilização do cadáver é indispensável para a aquisição adequada dos conhecimentos de anatomia que constituem o alicerce da cultura que o aluno de medicina tem necessidade de adquirir, e é de grande importância para o adestramento em técnicas operatórias dos que se preparam para serem cirurgiões.

3. Permita-se a este velho professor de Anatomia — mas ainda novo porque sempre apaixonado pela docência, mas ainda novo porque sempre inconformado com a rotina e a mediocridade, mas ainda novo porque empenhado na luta pela qualidade e na busca dos meios que permitem vencê-la, mas ainda novo porque sempre crente de que vale

a pena lutar pelo que vale a pena e sempre confiante em que a vitória há-de, um dia, chegar — permita-se a este velho-novo professor de Anatomia deixar aqui brevíssimas palavras que retiro da parte final do extenso texto que li no Colóquio Parlamentar sobre «Questões éticas e legais relativas à utilização de cadáveres para fins de ensino e investigação», promovido pela Comissão de Saúde da Assembleia da República e realizado na Sala do Senado do Palácio de S. Bento em 28 de Junho de 1994:

«O encontro dos alunos de Anatomia — alunos do 1º ano do curso de Medicina — com cadáver humano é, na esmagadora maioria dos casos, o primeiro embate directo com a realidade brutal da Morte e, por ricochete, com a maravilha da Vida, com o sentido da Vida. É que, sem sentido pessoal que a orienta, dinamize, reconforte e alegre, a Vida é Desvida: suporta-se, carrega-se, ilude-se, aliena-se, destroi-se.

Se o aluno de Anatomia sabe que aquele corpo que vai dissecar está ali porque pertenceu a alguém de quem nada se sabe, que foi para ali porque pertencia a uma pária que ninguém acolheu, ele tenderá a não ver nesse corpo mais que uma estrutura morta — uma coisa.

Mas se esse corpo está ali porque a pessoa de quem ele foi expressamente o quis, em benefício daqueles que, uma vez médicos, dedicarão a sua vida ao serviço da vida dos outros, a situação é completamente diferente.

Aquele cadáver que está ali e que ele, aluno, vai dissecar, já não é um morto, visto que o gesto explicativo desse encontro exprime, revela, a pessoa que esse corpo foi e agora se entrega à pessoa concreta dele, aluno, se lhe oferece com confiança para que o retalhe e desvende até ao âmago. Confiança de entrega que é confissão ciciada a dizer-lhe que essa pessoa que aquele corpo foi está segura de que esse/essa jovem o irá «tratar» com respeito, ternura e competência e que corresponderá ao gesto magnífico da doação utilizando os conhecimentos adquiridos para que venha a ser médico capaz no conhecer e no agir, no saber pensar e no saber comportar-se, um médico atencioso, compassivo e dedicado. O cadáver humano será assim, simultaneamente, o Primeiro Doente e o Primeiro Mestre de aluno de Medicina.

Lirismo?

Os Profs. norte-americanos Sandra L. Bertman e Sandy C. Marks, Jr, muito empenhados, desde há anos, na utilização dos cadáveres humanos na formação humanista dos alunos de Medicina durante a sua passagem pelos laboratórios de Anatomia, têm apresentado,

em diversas publicações, numerosos exemplos ilustrativos. Numa delas <sup>1</sup> transcreve-se o testemunho de um aluno, a propósito da «recordação mais memorável» do seu curso de Anatomia:

Tenho já quase concluída a dissecação do corpo de uma mulher de 71 anos que morreu com um cancro no pulmão. Embora por vezes não seja agradável separar, cortar ou retirar partes do cadáver, eu faço-o de boa vontade e sem remorso ou sentimentos que me perturbem. Antes de tudo, não é a mulher ela mesma que está a ser dissecada. É o corpo que ela ocupava para manter a vida terrena. Bem sei que as coisas não são assim tão simples. O que sobreleva todos os meus outros pensamentos e sentimentos a respeito da dissecação é que essa mulher deu-me um presente. De sua própria vontade ela permitiu-me utilizar o corpo que já não usa para eu conseguir por ele o conhecimento que, espero, me habilitará a cuidar dos vivos. Ela deixou uma «prenda de amor» àqueles que ainda estão vivos neste mundo. A sua prenda é muito especial: uma prenda para os que ainda estão vivos. Por isso a respeito e admiro».

Eis aqui a última e inestimável utilização do cadáver humano: a de educador de atitudes.»

JOAQUIM PINTO MACHADO

<sup>1</sup> The dissection experience as a laboratory for self-discovery about death and dying: another side of clinical anatomy. Clin. Anatomy, 1989, 2, p. 103-113.

## Abstracts

ALVES, Ângelo - *Programmation of a Pluridimensional Ontology (dialectic, ascensional, plenificant)*. 239-251

The planification of a subject is the main task of a professor. It is the limitation of contents and the choice of methods. After the definition and proposal of a new model of ontology, according to the title, its programmation is necessary.

There are contents into four parts: the being as being; the qualities of being: logical, ontic and ontological ones; the person while synthesis showing ontological order; the mere being, as a personal mystery, transcendent, absolute and pericorectic one. Philosophic method is favoured by the didactic one, its instruments and practical approaches support learning.

CASTRO, José Acácio - *The man as «Imago Dei» in Boaventurian anthropology*. 253-275

This article tries to shape the general force lines of S. Bonaventure's anthropology, which has in the concept of *forma beatificabilis* the highest expression.

This is done in articulation with the main principles of Bonaventure's exemplarist metaphysics, particularly in which concerns the concepts of *vestigium*, *similitudo* and *imago*.

We also reflect about the consequences of these subjects on Bonaventure's philosophy in the relation with augustinian tradition and the new forms of 13<sup>th</sup> century franciscan thought.

CASTRO, J. Mendes - *Hellenistic Influences on the Book of Wisdom*. 277-282

The Book of Wisdom probably the last inspired book of Old Testament, appeared in the huge Jewish community of Alexandria, about 100 B.C. The